

CADERNO DE QUESTÕES

2º DIA
02/12/2013

GRUPOS 3 e 4
Geografia
História
Redação

SÓ ABRA ESTE CADERNO QUANDO AUTORIZADO

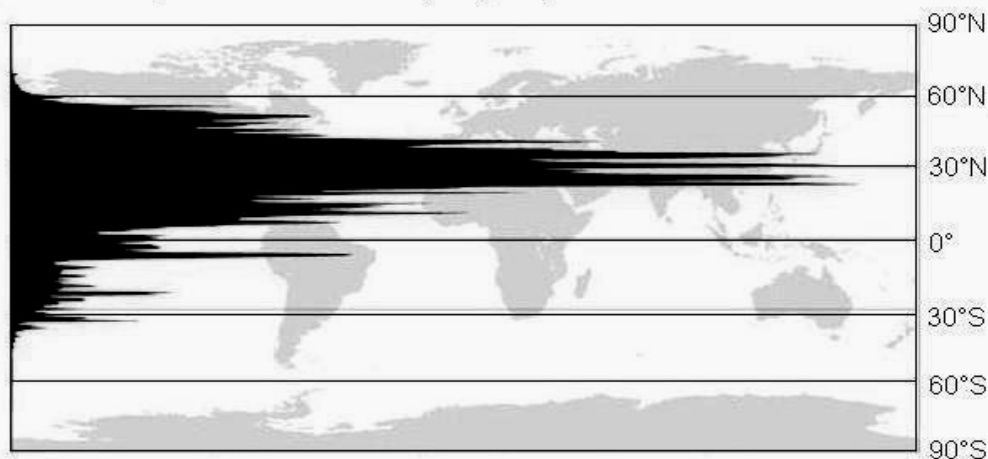
LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Caso contenha defeito, solicite ao aplicador a sua troca.
2. Este caderno contém as provas de Geografia, com 6 questões, de História, com 6 questões, e a prova de Redação. Utilize apenas os espaços em branco deste caderno para rascunho.
3. Verifique se os seus dados constantes na parte inferior da capa dos cadernos de respostas estão corretos. Caso contenham erros, notifique-os ao aplicador de prova.
4. As questões deverão ser respondidas com caneta esferográfica de tinta preta fabricada em material transparente nos cadernos de respostas de cada prova. Resoluções a lápis **NÃO** serão corrigidas e terão pontuação zero.
5. Respostas elaboradas no verso e nos espaços que contenham a instrução "NÃO UTILIZAR ESTE ESPAÇO" não serão consideradas na correção.
6. Questões respondidas fora do local adequado, ou seja, no local destinado a outra questão, mesmo que identificada a troca, **NÃO** serão corrigidas e terão pontuação ZERO.
7. Os cadernos de respostas serão despersonalizados antes da correção. Para a banca corretora, você será um candidato anônimo. Desenhos, recados, orações ou mensagens, inclusive religiosas, nome, apelido, pseudônimo ou rubrica escritos na folha de respostas são considerados elementos de identificação. Se houver alguma ocorrência de caso como os mencionados anteriormente, sua prova será desconsiderada e atribuir-se-lhe-á pontuação ZERO.
8. As provas terão duração de cinco horas, já incluídos nesse tempo a coleta de impressão digital e o preenchimento dos cadernos de respostas.
9. Você só poderá se retirar definitivamente da sala e do prédio a partir das 17h30min.
10. AO TERMINAR, DEVOLVA OS CADERNOS DE RESPOSTAS AO APLICADOR DE PROVA.

GEOGRAFIA**— QUESTÃO 1**

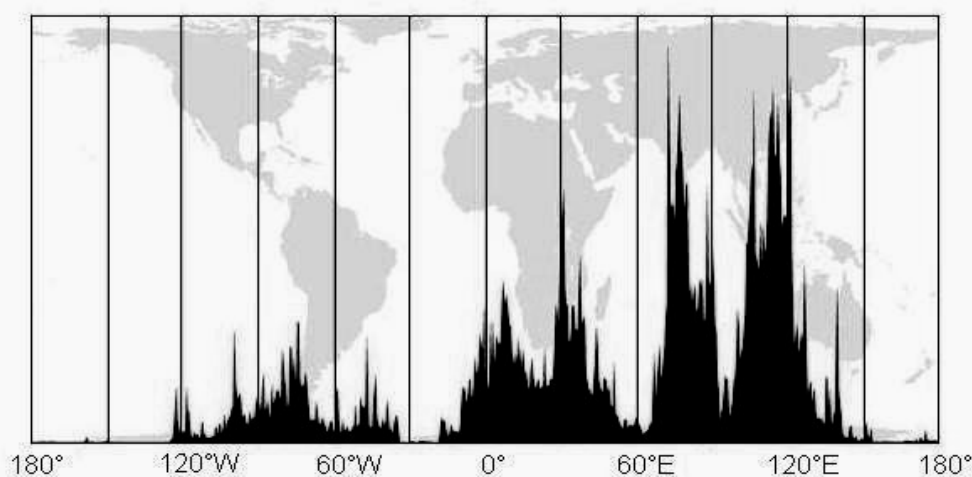
Observe a figura a seguir.

Figura 1 - Mundo: População por Latitude, 2 000.



O eixo horizontal mostra a soma de toda a população em cada grau de latitude.

Figura 2 - Mundo: População por Longitude, 2 000.



O eixo vertical mostra a soma da população em cada grau de longitude.

Disponível em: <<http://twistedifter.com/2013/08/maps-that-will-help-you-make-sense-of-the-word/>>. Acesso em: 14 nov. 2013. (Adaptado).

A distribuição da população no globo terrestre obedece a fatores econômicos, sociais, culturais e também naturais. As mudanças ocorridas a partir da urbanização da sociedade promovem configurações espaciais particulares que podem ser representadas de diferentes formas. Considerando a leitura da figura acima e analisando os mapas em questão,

- identifique as projeções dos dois mapas apresentados na figura; **(1,0 ponto)**
- justifique o motivo fisiográfico da distribuição de população representada, analisando a primeira figura, relativa à latitude; **(2,0 pontos)**
- apresente, respectivamente, o nome de dois continentes com maior e menor concentração de população, analisando a segunda figura, relativa à longitude. **(2,0 pontos)**

— QUESTÃO 2 —

A “Primavera Árabe” é um fenômeno político e social no Oriente Médio e no Norte da África, que teve início em 18 de dezembro de 2010 na Tunísia e que desencadeou ondas revolucionárias com protestos, guerras civis e passeatas. A atuação dos jovens por meio das mídias sociais foi fundamental para a derrocada de governos tradicionais e autoritários, sobretudo pela rápida difusão das informações proporcionadas pelos meios de comunicação, blogs e outros. Tendo como base esses protestos e seus efeitos,

- a) apresente apenas duas causas que motivaram esses protestos e as revoluções nos países árabes; **(3,0 pontos)**
- b) cite apenas dois países árabes cujos chefes de Estado foram depostos nesses eventos. **(2,0 pontos)**

— QUESTÃO 3 —

A cultura chinesa sempre foi motivo de estudos, haja vista as grandes contribuições que trouxe para a humanidade, tais como a invenção do papel, da bússola e da pólvora. Nos dias atuais, a China é a segunda economia do planeta e responde por quase 10% do PIB mundial anual. O cenário se deve ao fato de o governo chinês, após a morte de Mao Tsé-tung, em 1976, ter intensificado reformas econômicas, abrindo o país para o mercado mundial. Considerando a China neste contexto,

- a) cite o nome do modelo de organização econômica do país e apresente duas características desse modelo; **(3,0 pontos)**
- b) apresente apenas uma das iniciativas do governo chinês para reduzir as emissões de carbono. **(2,0 pontos)**

— QUESTÃO 4 —

Leia o texto apresentado a seguir.

Goiás já vive uma situação de alerta em decorrência de baixos índices de umidade relativa do ar, que segundo a Organização Mundial de Saúde varia de 12% a 20%. [...] Historicamente, os piores índices são registrados em setembro, quando as rajadas de vento são mais comuns, levantando os poluentes, tal como poeira, fumaça e fuligem. [...] O Instituto Nacional de Meteorologia prevê uma nova onda de ar frio na semana que vem [...] com pico de resfriamento previsto para o dia 14, quando a temperatura máxima em Goiânia deverá atingir 23°C e a mínima de 12°C. Neste período, a umidade do ar dará uma trégua, por causa do aumento da nebulosidade.

O POPULAR, Goiânia. 8 ago. 2013. p. 3. (Adaptado).

O clima predominante em Goiás é influenciado pela dinâmica atmosférica, com a atuação de diferentes massas de ar, conforme a época do ano. Considerando este enunciado e as informações contidas no texto,

- a) cite o nome do clima predominante em Goiás e descreva apenas duas características desse clima; **(2,0 pontos)**
- b) cite os nomes das duas principais massas de ar que atuam em Goiás, no período ao qual se refere o texto; **(1,0 ponto)**
- c) cite as regiões de origem e explique a atuação das massas de ar envolvidas na situação que provocou a onda de ar frio em Goiás, tal como referido no texto. **(2,0 pontos)**

— QUESTÃO 5 —

Observe a tira e leia o texto a seguir.



Disponível em: <ahistorianaparede.blogspot.com>. Acesso em: 5 nov. 2013.

“... quem é excluído do transporte, porque não tem dinheiro para a passagem, é excluído da cidade... a gente entende isso como crucial, como luta do direito à cidade. O transporte é um direito que dá acesso a vários outros direitos: educação, saúde, moradia, trabalho...”

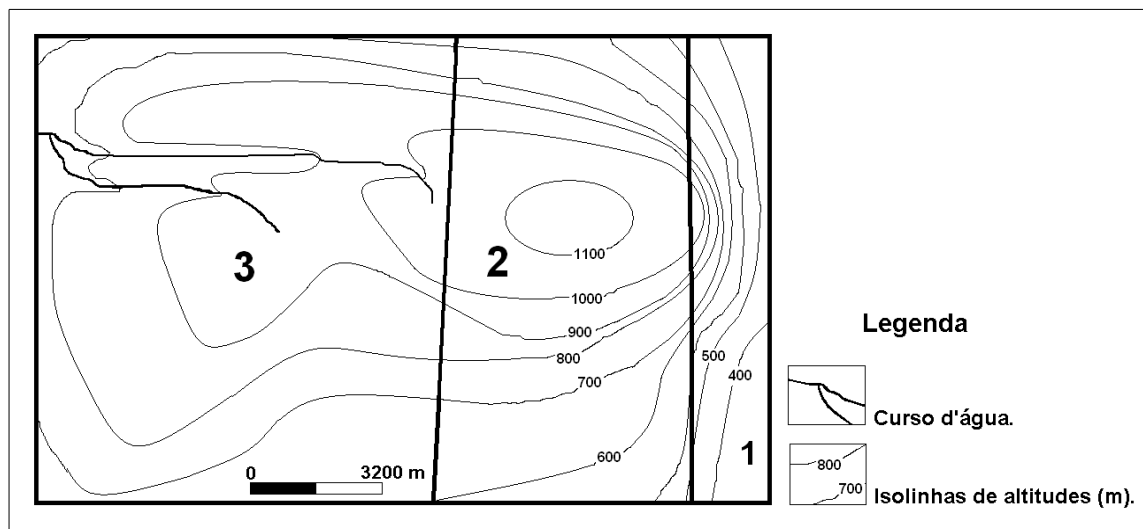
JORNAL DO BRASIL, Rio Janeiro, 26 out. 2013. (Adaptado).

O MPL (Movimento do Passe Livre) trouxe à tona o debate sobre o transporte coletivo urbano no Brasil, além de ter tido um importante papel na disseminação de protestos e reivindicações ao longo do ano de 2013. Por meio das manifestações nas ruas dos grandes centros urbanos, outras bandeiras surgiram, com e sem afinidades ideológicas entre si. Considerando o exposto,

- cite apenas dois fatores que influenciam a qualidade do transporte público urbano e metropolitano, denunciados pelo MPL. **(3,0 pontos)**
- apresente apenas um exemplo de reivindicação política, não articulada a movimentos sociais, que estimulou a reunião de jovens, conforme ilustrado na tira, no contexto das manifestações de 2013. **(2,0 pontos)**

— QUESTÃO 6 —

Observe a figura a seguir.



Há milhares de anos, a humanidade vem desenvolvendo conhecimentos sobre os solos para sua conservação, de acordo com as diversas formas de apropriação de áreas urbanas e rurais. A apropriação e a conservação de um terreno deve levar em conta suas características fisiográficas e, dentre elas, as inclinações. A figura apresentada representa um terreno por meio de suas linhas de drenagem e isolinhas de altitude, que permitem o entendimento das inclinações dos declives existentes.

Considerando o terreno representado como sendo hipoteticamente formado por diferentes tipos de solos, sob condições climáticas típicas do Cerrado goiano, e que esse terreno foi desmatado para ocupação por meio de um sistema de produção agropecuária,

- cite o nome de cada técnica de manejo e/ou conservação do solo para cada uma das três áreas representadas na figura, correspondentes às faixas indicadas pelos números 1, 2 e 3, respectivamente; **(3,0 pontos)**
- indique e descreva apenas um tipo de impacto que pode ocorrer devido ao manejo inadequado do solo da faixa correspondente à área 2, da figura descrita no enunciado. **(2,0 pontos)**

HISTÓRIA

— QUESTÃO 7 —

Leia os textos a seguir.

Texto 1

Já havíamos chegado no ano da Encarnação do Filho de Deus, de 1348, quando, na cidade de Florença, sobreveio a mortífera pestilência. Por iniciativa dos corpos superiores, ou em consequência das nossas ações, esta peste, lançada sobre os homens por justa ira divina e para a nossa exemplificação, começara nas regiões orientais.

BOCACCIO. Decameron, 1348/1353. In: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; Faria, Ricardo. (Org.). *História moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 1994. p. 33.

Texto 2

– Esse terremoto não é novidade nenhuma – respondeu Pangloss. – A cidade de Lima experimentou os mesmos tremores de terra no ano passado, iguais causas, iguais efeitos: há com certeza uma corrente subterrânea de enxofre, desde Lima até Lisboa.

– Nada mais provável – respondeu Cândido.

– Como, provável? Sustento que é a coisa mais demonstrada que existe. [...]

Pangloss consolou a todos, assegurando que as coisas não podiam ser de outra maneira. [...] Um homenzinho de preto, familiar da Inquisição, que se achava ao seu lado, tomou a palavra e disse:

– Pelo visto, o senhor não crê no pecado original, pois se tudo está o melhor possível, não houve queda nem castigo.

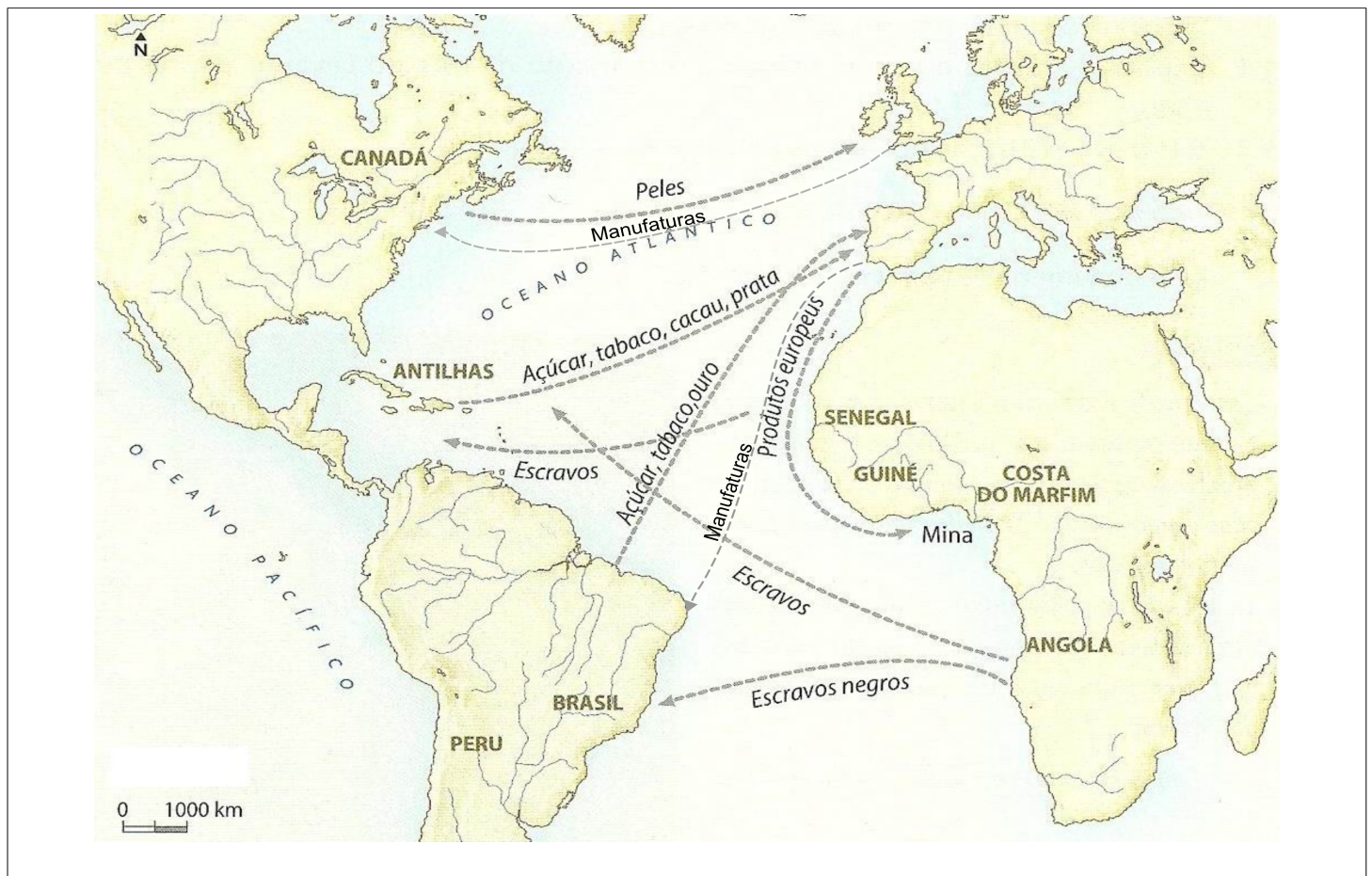
VOLTAIRE. *Cândido*, 1759. p. 12-13. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?setec_action=&co_obra=2239>. Acesso em: 22 out. 2013. (Adaptado).

Os fragmentos apresentados integram duas obras literárias, abordando, no texto 1, a Peste Negra, que assolou a Europa no século XIV, e, no texto 2, o terremoto que devastou a cidade de Lisboa em 1755. Diante do exposto, explique como:

- a) os textos interpretam, de modos diferentes, a causa dos fenômenos abordados; **(2,0 pontos)**
- b) o texto 2 associa-se à filosofia iluminista. **(3,0 pontos)**

— QUESTÃO 8 —

Analise a imagem a seguir.



Trocas comerciais entre metrópoles e colônias. Disponível em: <<http://historiaonlineceen.blogspot.com.br/2012/10/pacto-colonial.html>>. Acesso em: 8 nov. 2013. (Adaptado).

Por mercantilismo designa-se o conjunto de ideias e práticas econômicas desenvolvidas pelos Estados Nacionais Modernos entre os séculos XV e XVIII, que marcou a relação entre as metrópoles e suas colônias. Diante do exposto, explique como a imagem apresentada remete

- a) a um princípio do mercantilismo; (2,5 pontos)
- b) à relação entre as metrópoles e as colônias. (2,5 pontos)

— QUESTÃO 9 —

Leia os textos a seguir.

Texto 1

Foi a própria sociedade brasileira, por meio de suas instituições ou com o apoio delas, que sequestrou meus ancestrais da África e os transformou em um insumo barato. Assim como foram as políticas estatais que, após a abolição, inviabilizaram toda forma de reparação oficial pelos quase 400 anos de escravidão, jogando milhões de pessoas das senzalas para as ruas, da escravidão para o desemprego ou para as garras de patrões que nunca deixaram de tratá-las como seus “negrinhos” e suas “negrinhas”.

SILVA, Wilson da. *Superinteressante*, São Paulo, jun. 2001. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/defesa-cotas-442274.shtml>>. Acesso em: 16 out. 2013. (Adaptado).

Texto 2

Todos nós sabemos que a África subsaariana forneceu escravos para o mundo antigo, para o mundo islâmico, para a Europa e para a América. Até o princípio do século 20, o escravo era o principal item de exportação da pauta econômica africana. Sobre a miscigenação no Brasil, nós temos uma história tão bonita. Fala-se que as negras foram estupradas. Fala-se que a miscigenação deu-se pelo estupro. Fala-se que foi algo forçado. Mas, Gilberto Freyre mostra que isso se deu de forma muito mais consensual.

TORRES, Demóstenes, apud. FERRAZ, Luca; CAPRIGLIONE, Laura. *Jornal Folha de S. Paulo*, 4 mar. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u702198.shtml>>. Acesso em: 16 out. 2013. (Adaptado).

As reflexões sobre as políticas afirmativas têm gerado o uso de diferentes interpretações sobre o passado brasileiro. Publicados na mídia impressa e digital, os textos apresentados exemplificam dois discursos sobre a história da escravidão no Brasil, representativos do debate sobre a implementação das cotas raciais. Diante do exposto e considerando a diferença entre os textos, explique a

- a) característica que fundamenta a interpretação sobre a escravidão, em cada um deles; **(2,5 pontos)**
- b) a relação entre a interpretação e a posição política sobre as cotas raciais, em cada um deles. **(2,5 pontos)**

— QUESTÃO 10 —

Analise a fotografia e leia a carta a seguir.



Bando de Lampião. Fotografia de Benjamin Abrahão, 1922. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/7252-livro-iconografia-do-cangaço#foto-140516>>. Acesso em: 16 out. 2013.

Ilmo. Sr. Francisco de Souza

Aspiro boa saúde com a Exma. Família. Tendo eu frequentado uma fazenda sua deliberei, saudando-o em uma cartinha, pedir um cobrezinho. Basta dois contos de réis. Eu reconheço que o senhor não se sacrifica com isto e eu ficarei bem agradecido e não terei razão de lhe odiar nem também a gente de Virgulino terá esta razão.

Sem mais do seu criado, obrigado.

Hortêncio, vulgo Arvoredo, rapaz de Virgulino.

A TARDE. 20 jan. 1931. In: *Coletânea de documentos históricos para o primeiro grau*. São Paulo: SE/CENP, 1980, p. 51.

A fotografia e a carta apresentadas remetem ao cotidiano do Cangaço brasileiro, entre as décadas de 1920 e 1930. Nesse contexto, esse fenômeno social era interpretado pelo Estado brasileiro, que o combatia, como símbolo de desordem social. Diante do exposto, explique uma característica

- a) associada ao Cangaço brasileiro, presente na carta; (2,0 pontos)
- b) atribuída, na fotografia, ao Cangaço e aos cangaceiros. (3,0 pontos)

— QUESTÃO 11 —

Analise a imagem e leia o texto a seguir.



DEBRET, Jean-Batiste. Cirurgião negro colocando ventosas. Aquarela. 1826. Disponível em: <www.unoparead.com.br/sites/museu/exposicao_cotidiano/cotidiano04.html>. Acesso em: 2 out. 2013.

Na corte, teorias e experimentos médicos tinham livre curso de permeio às terapias tradicionais. Na Regência, ainda se fazia um unguento, supostamente útil para prevenir a queda dos cabelos, com a gordura do corpo dos escravos. Certo Dr. Santos publicou, em 1838, os resultados de uma experiência inédita; fizera uma cascavel picar um negro leproso para estudar os efeitos do veneno da cobra na evolução da doença. Mas o experimento fracassou porque o doente morreu em 24 horas.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida privada e ordem privada no Império. In: *História da vida privada no Brasil*. Império: a corte e a modernidade nacional. V. 2. 1997. p. 76-77. (Adaptado).

A imagem e o texto remetem ao cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. Nesse ambiente de intensas trocas culturais, ao negro eram atribuídas diferentes representações. Diante do exposto, explique

- a) como a pintura expressa as trocas culturais no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX; **(2,5 pontos)**
- b) a diferença na forma de representação do negro, na imagem e no texto. **(2,5 pontos)**

— QUESTÃO 12 —

Analise a imagem a seguir.



Fotografia do Muro de Berlim. Disponível em: <<http://observatoriodadiversidade.org.br/site/alemaes-impedem-demolicao-de-ultimo-trecho-original-do-muro-de-berlim>>. Acesso em: 16 out. 2013.

O Muro de Berlim foi construído em 1961 e a sua “queda” ocorreu em 1989, conservando-se partes de sua estrutura. Na fotografia, produzida após a reunificação alemã, observa-se a prática da grafiteagem ao lado da frase “Berlim está livre do muro”. Diante do exposto, explique a relação entre

- a função político-ideológica exercida pelo Muro de Berlim e a dinâmica da Guerra Fria (1947-1989); **(2,0 pontos)**
- as mensagens no muro (a frase e os grafites) e os objetivos de preservação de sua estrutura física, após a reunificação. **(3,0 pontos)**

REDAÇÃO**Instruções**

Você deve desenvolver seu texto em um dos gêneros apresentados nas propostas de redação. O tema é único para as três propostas. O texto deve ser redigido em prosa. A fuga do tema ou a cópia da coletânea anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases. Quando for necessária, a transcrição deve estar a serviço do seu texto. Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema

Tecnologia digital: ferramenta de emancipação ou ameaça à liberdade de expressão?

Coletânea**1. O governo deve monitorar os cidadãos?****NÃO****Já somos monitorados demais**

Membros da Al-Qaeda devem ter ficado satisfeitos em saber que, sob o pretexto de combater o terrorismo, o governo americano instalou uma ampla rede de espionagem por meio do monitoramento geral e indiscriminado de seus próprios cidadãos.

Essa bisbilhotagem poderá causar mais estragos do que uma bomba. Certamente existirão os abusos, bastando lembrar que o governo americano que espiona "para o bem" é o mesmo que atíça a fiscalização tributária contra seus opositores e que vasculha ligações telefônicas de jornalistas.

Ainda que sem os inevitáveis abusos, a própria democracia será atingida, uma vez que a intimidade é um elemento essencial para a dignidade da pessoa humana. Desnudado desse pequeno campo de proteção particular, o cidadão perde a capacidade de se enxergar como um ser único e titular de direitos. Por consequência, também não consegue compreender e respeitar as particularidades do outro. Sem o resguardo da vida privada, não há ambiente para o desenvolvimento livre da personalidade, acabando com o oxigênio vital para a sobrevivência de um Estado democrático.

Ações em defesa da intimidade são cada vez mais necessárias no mundo moderno. Hoje, cada um de nossos passos fica registrado: a compra com cartão de crédito, a multa do automóvel, a conversa na rede social, os sites acessados, os números discados. Ao vivermos já somos involuntariamente monitorados.

Esse enorme banco de dados pode evidentemente ser utilizado no combate ao crime, mas somente diante de uma fundamentada suspeita contra o cidadão. Buscar um maior poder do Estado no uso da tecnologia para um controle social extremo significa rejeitar a democracia e correr em busca do autoritarismo. É justamente nesse momento em que nossa segurança é ameaçada que devemos nos lembrar de que garantias individuais como a intimidade não representam um entrave a nossa proteção, mas, sim, traduzem a essência de nossa humanidade.

J. L. O. L., 47, é advogado criminalista e membro do Instituto dos Advogados de São Paulo.

SIM**Big Brother e democracia**

Quando, em 1949, George Orwell escreveu o romance "1984", tratou de uma sociedade futurística, na qual o Estado controlava os cidadãos de maneira absoluta, vigiando-os no mais íntimo de sua privacidade, determinando sua maneira de pensar.

Retratou um Estado onipresente, representado pela figura do Big Brother, que tudo via e tudo sabia. Entretanto, "1984" tratava de um regime totalitário. No século 21, o Grande Irmão chegou às democracias.

Nas últimas semanas, com a revelação de que o governo dos Estados Unidos estaria reunindo dados a partir de interceptações telefônicas e acessos irregulares a mensagens e contas na internet de milhões de pessoas, o tema do Estado controlador do cidadão voltou à tona.

Nenhum direito individual é absoluto. A vida em sociedade requer a mitigação de alguns direitos individuais diante de certas necessidades coletivas, como a segurança. Assim, se as pessoas estiverem sob uma ameaça de significativa gravidade, o Estado pode mesmo violar a privacidade para protegê-las, sob a justificativa do imperativo da segurança.

Esse é o argumento do governo Obama. E encontra acolhida em mais da metade dos estadunidenses, segundo pesquisas recentes: 56% dos entrevistados aprovam o monitoramento das comunicações telefônicas, enquanto 41% consideram a prática inaceitável.

Ao menos nos Estados Unidos, o assunto ainda suscitará discussão. E ali parece razoável que o Estado monitore

seus cidadãos para protegê-los. Sob a perspectiva do povo norte-americano, a garantia da segurança coletiva e a proteção aos valores democráticos e aos princípios fundadores de sua nação seriam justificativas plausíveis para limitar liberdades individuais.

De fato, algo que diferencia os regimes democráticos dos autoritários é que, no primeiro caso, os serviços secretos protegem o cidadão e estão sob o mais rígido controle do Judiciário e do Legislativo. Também a sociedade civil organizada, com destaque para o papel da imprensa, deve ter essa prerrogativa.

Se, no país de Obama, é possível e até aceitável, de acordo com suas leis, que o Estado monitore os cidadãos, no Brasil essa prática encontra limites claros. A Constituição só permite interceptação telefônica para fins de investigação criminal ou instrução processual e apenas com autorização judicial.

Seria ingênuo imaginar que, se houver uma determinação de um governo como o dos Estados Unidos, respaldada em leis e em autorização judicial ou legislativa, as informações pessoais de qualquer ser humano pelo globo ficarão a salvo do monitoramento.

Na era do conhecimento e da realidade virtual, as pessoas devem estar conscientes de que podem ser objeto de vigilância, legal ou não. O Big Brother está lá, ainda que não gostemos dele.

J. B. G., 38, é advogado e especialista em inteligência de Estado pela Abin (Agência Brasileira de Inteligência).

FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 15 jun. 2013, p. A3. (Opinião).

2. Zero por cento de segurança

Vladimir Safatle

"Não é possível ter, ao mesmo tempo, 100% de segurança e 100% de privacidade com inconveniência zero."

Com essa frase, digna do cinismo mais patético, o presidente Barack Obama tentou justificar o fato de seu país ter se transformado em um verdadeiro ciber-Estado policial.

Graças à imprensa, descobrimos que o governo norte-americano usa o dinheiro dos contribuintes para espionar suas próprias vidas, por meio do monitoramento contínuo de ligações telefônicas e atividades na internet. Mas eles podem ficar tranquilos, pois, como disse Barack, "não vemos o conteúdo das ligações, só a duração e os números". Esta é a sua maneira de glosar o slogan preferido de Bill Clinton: "Fumei, mas não traguei".

Julian Assange, o mais conhecido preso político das ditas democracias liberais, já havia advertido: "A internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos".

Com a invenção do fantasma da ameaça terrorista permanente, os Estados democráticos encontraram, enfim, uma justificativa para agirem, de fato, como Estados totalitários, fazendo a Stasi [polícia secreta da antiga Alemanha Oriental], com suas técnicas grosseiras de vigilância, parecer uma brincadeira de criança.

Ninguém precisa grampear seu telefone ou colocar um espião na sua cola quando tudo o que você escreve alegremente no Facebook acaba, necessariamente, nas mãos de um iluminado da Agência de Segurança Nacional (NSA).

Eu mesmo tenho uma ideia: por que não colocar câmeras de observação nas televisões, em vez de só se focar nos telefones e na internet? George Orwell já demonstrou como essa técnica pode ser eficaz.

Mas a boa questão levantada pela frase de Obama é a seguinte: afinal, de onde veio a ideia demente de que precisamos de 100% de segurança?

Nunca nos livraremos de jovens desajustados que montam bombas caseiras ou fanáticos empunhando machadinha. Não há absolutamente nada que possamos fazer para evitar isso. Podemos minorar a letalidade dessas pessoas controlando a circulação de armas, e só.

O verdadeiro problema é termos chegado à situação de todo um país entrar em pânico quando se associa um crime comum à palavra "terrorismo". Pois, ao tentar realizar o sonho dos 100% de segurança, como se nossa utopia social fosse um paraíso de condomínio fechado, acabamos por acordar no pesadelo de um Estado que vira, ele sim, a fonte da pior das inseguranças.

A insegurança da submissão voluntária ao controle contínuo de alguém que reforça sua autoridade alimentando-se de nossos medos. A insegurança do fim da vida privada.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/113386-zero-por-cento-de-seguranca.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

3. O meu é maior do que o seu

Luli Radfahrer

Já houve um tempo em que a medição pessoal e comparativa era uma prática deplorável, competitiva, coisa de menino. Não mais. À medida que sensores biométricos deixam hospitais e salas de fisioterapia para serem vendidos como acessórios esportivos, digitais e conectados, o registro do desempenho passa a fazer parte da identidade pessoal.

Aparelhos móveis com sensores de calor, proximidade, movimento e geolocalização podem ser carregados o dia todo próximo a seus usuários, funcionando ao mesmo tempo como agentes de motivação e coletores de informação. Conectados a eles, novos smartphones registram peso, medidas, batimentos cardíacos, mudanças de humor, efeitos de medicação, níveis de atividade física, consumo de água, de café e de calorias em geral. Cada informação, analisada, é armazenada em bases de dados e publicada nas redes sociais.

Sob certos aspectos esse novo tipo de exposição vai além de qualquer definição de privacidade. Compartilhar dados íntimos como a qualidade do sono ou o índice de massa corporal com estranhos parece, à primeira vista, uma forma patológica de narcisismo. Por mais que seja inegável uma certa vaidade entre seus usuários, o objetivo dos diários coletivos é outro: o grupo funciona como incentivo e estímulo às conquistas pessoais, que podem ser dos tradicionais redução de peso e aumento de percurso em corrida até ao controle de estresse.

O fenômeno, em sua essência, não é completamente novo. Grupos de apoio como os Vigilantes do Peso e os Alcoólicos Anônimos usam há muito tempo o compartilhamento de histórias e o apoio do grupo para ajudar seus membros a superar crises. O que as novas redes ganham com a tecnologia é a comodidade para coletar, armazenar e compartilhar dados com pouco esforço, permitindo que as atividades em grupo sejam feitas à distância, no momento em que for mais conveniente.

É um novo estágio para a interação social. Depois da digitalização das cartas por e-mail, das conversas por SMS e mensagens instantâneas, dos pontos de vista por Pinterest e Instagram, dos históricos pessoais e preferências pelo Facebook e dos estados de espírito pelo Twitter, parece ter chegado a vez da atividade física, que de coletiva foi individualizada. Não demorará para que alguns esportes sigam o mesmo caminho.

Vivemos em um ambiente cada vez mais cibernético e social, em que as fronteiras entre o físico e o digital e entre o pessoal e o coletivo se tornam cada vez mais difusas. Como nas outras interações virtualizadas, perde-se intensidade para ganhar abrangência. Indivíduos que não tinham estímulo para se movimentar agora podem contar com o apoio de um grupo, mesmo que distante, para sair do sofá. As métricas pessoais geradas por esses aparelhos podem ajudar a identificar vícios de postura, problemas de saúde e maus hábitos que talvez passassem despercebidos até que causassem problemas graves.

Da mesma forma que as contas e os extratos de banco ajudam a compreender a movimentação financeira, os infográficos gerados por esses dispositivos permitem uma avaliação contínua e sistemática do próprio corpo, o que naturalmente leva a maior autoconhecimento, reflexão e aprendizado. Mais do que vitrine exibicionista ou casa sem cortinas, eles podem servir como um grande espelho que, ao refletir ações, ajude a redefinir identidades.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/57524-o-meu-e-maior-do-que-o-seu.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

4. A revolução do pós-papel

André Petry

Sócrates, o homem mais sábio de todos os tempos, estava enganado. Com a genial invenção das vogais no alfabeto grego, a escrita estava se disseminando pela Grécia antiga – e Sócrates temia um desastre. Apreciador da linguagem oral, achava que só o diálogo, a retórica, o discurso, só a palavra falada estimulava o questionamento e a memória, os únicos caminhos que conduziam ao conhecimento profundo, à sabedoria. Temia que os jovens atenienses, com o recurso fácil da escrita e da leitura, deixassem de exercitar a memória e, como a palavra escrita não fala, perdessem o hábito de questionar. Sua mais conhecida diatribe contra a escrita está em *Fedro*, de Platão, seu fiel seguidor. Ali, Sócrates diz que a escrita daria aos discípulos “não a verdade, mas a aparência de verdade”. O grande filósofo intuiu que a transição da linguagem oral para a escrita seria uma revolução. Foi mesmo, só que numa direção promissora. Permitiu o mais esplêndido salto intelectual da civilização ocidental.

Agora, 2.500 anos depois, estamos às voltas com outra transição revolucionária. Da cultura escrita para a digital, há uma mudança de fundamento como não ocorre há milênios. Na era digital, a mudança é radical. O livro eletrônico oferece uma experiência visual e tátil inteiramente diversa. É uma outra forma. Como diz o francês Roger Chartier, professor do College de France e especialista na história do livro, “a forma afeta o conteúdo”. A era digital, sustenta ele, nos fará desenvolver uma nova relação com a palavra escrita. Para a neurocientista Maryanne Wolf, autora de *Proust e a Lula*, um livro sobre o impacto da leitura no cérebro, o momento atual é tão singular quanto o da Grécia: “Como os gregos antigos, vivemos uma transição dramaticamente importante – no nosso caso, de uma cultura escrita para uma cultura mais digital e visual”.

Na era do pós-papel, a leitura, antes um ato solitário por excelência, está virando outra coisa. O Kindle, da Amazon, tem um dispositivo que exhibe os trechos do livro sublinhados por outros leitores. Informa até quantos o fizeram. O pesquisador Bob Stein, fundador de uma entidade que estuda o futuro do livro, diz que a leitura solitária será substituída por uma atividade comunitária eletronicamente conectada. É o que ele chama de “leitura e escrita sociais”.

Até os segredos da leitura, antes indecifráveis na mente do leitor, agora estão sendo revelados. Amazon, Apple e Google espiam o leitor a qualquer hora. Sabem quantas páginas foram lidas, o tempo consumido, os títulos preferidos. A Barnes & Noble, a maior cadeia de livrarias dos Estados Unidos, analisando dados colhidos pelo seu leitor eletrônico, o Nook, descobriu que livros de não ficção são lidos de modo intermitente. Os romances, não. Leitores de policiais são mais rápidos que os de ficção literária. São informações, impensáveis no mundo do papel, que revelam hábitos de leitura e vão abastecer as editoras para atender ao gosto do público. Nos EUA, já existe um movimento de “proteção da privacidade do leitor”, destinado a disciplinar até onde as editoras podem ir. No tempo do papel – é ainda o tempo de hoje, mas é cada vez mais um tempo passado –, a única forma de espiar a mente de um leitor era por meio da leitura furtiva de uma anotação manuscrita na margem da página de um livro perdido num sebo. Parece que faz décadas.

Para desconforto dos escritores, a vida digital é veloz. Uma história precisa causar impacto na largada. “Tem de ter sangue na parede já no fim do segundo parágrafo”, diz Lev Grossman, crítico literário da Time. Autores de suspense e mistério estão sendo duramente exigidos. Antes, um título por ano estava de bom tamanho. Agora, as editoras acham pouco. Ninguém precisa ser uma pororoca como o americano James Patterson (um livro por mês, 260 milhões de exemplares vendidos), mas não se pode mais ficar longe do mercado por muito tempo.

A invenção dos tablets e leitores eletrônicos é espetacular. Eles são fáceis de carregar, têm memória para mais de mil livros, baterias que duram horas. A cada novo lançamento, ficam mais legíveis. Na tela de um iPad um livro de arte é uma arte, com cores vivas, nitidez perfeita. Mas, tal como Sócrates, os estudiosos do nosso tempo estão preocupados com o impacto do mundo digital na cultura. Um dos primeiros a chamar atenção para a deterioração da qualidade da leitura foi o crítico literário Sven Birkerts, ainda na década de 90. Birkerts percebeu que seus alunos, às voltas com aparelhos eletrônicos, não conseguiam ler um romance com paciência e concentração. É fundamental que as novas gerações educadas no digital sejam capazes de ler bem, ler para imaginar, para refletir e – eis o apogeu e a glória da leitura – para pensar seus próprios pensamentos.

O temor é que o universo digital, com abundância de informações e intermináveis estímulos visuais e sonoros, roube dos jovens a leitura profunda, a capacidade de entrar no que o grande filósofo Walter Benjamin chamou de “silêncio exigente do livro”. Durante séculos, os livros impressos foram aperfeiçoados para favorecer a imersão. O tipo de letra, o entrelinhamento, os espaços em branco – tudo feito como um delicado convite à leitura. São aspectos relevantes para quem lê e para quem escreve. John Updike achava que seus livros só faziam sentido se impressos em determinada fonte – a Janson. A leitura on-line, de resolução imprecisa, luminosidade excessiva e crivada de penduricalhos piscantes, é só distração. Os leitores eletrônicos estão corrigindo boa parte dessas imperfeições, mas ainda têm longo caminho a percorrer. Estudo feito pelo professor Terje Hillesund, da Universidade de Stavanger, na Noruega, mostra que, durante uma leitura reflexiva, as pessoas gostam de manter os dedos entre as páginas, como que segurando uma ideia de páginas atrás, para revisita-la quando quiserem. Intangível e volátil, o livro digital, neste aspecto, é uma nulidade (por enquanto).

VEJA, São Paulo: Abril, n. 51, 19 dez. 2012. p. 150-154.

5.



Disponível em: <<http://caminhoinclusaodigital.wdfiles.com/local—files/inclusao-digital-dentro-e-fora-da-escola/software.png>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

Propostas de redação

A – Discurso de defesa ou de acusação

O *discurso de defesa* ou *de acusação* é formulado num encadeamento lógico e ordenado para expressar a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas ou não com um certo assunto, meio ou grupo a quem o locutor se dirige. É um gênero utilizado para declarar publicamente razões que justifiquem certos atos ou em que se fundamentem certos direitos. Com o objetivo de impactar a opinião pública, esse gênero apresenta tanto características expositivo-argumentativas, visando ao convencimento, quanto características persuasivas de apelo emocional, acentuando uma polêmica já existente. Devido a essa forma de interação, a defesa ou a acusação deve ser fundamentada com explicações, razões, exemplos, citações etc.

Você vai participar de um debate público regrado de um programa de televisão voltado para o telespectador jovem. Você deve escolher entre:

a) defender a tecnologia digital, procurando convencer o público de que ela funciona como uma ferramenta de emancipação;

ou

b) acusar a tecnologia digital, procurando convencer o público de que ela é responsável pela ameaça à liberdade de expressão.

Atendendo à alternativa (a) ou (b), escreva seu discurso dirigido ao público jovem, expondo as razões da defesa ou da acusação e discutindo as consequências negativas ou positivas desencadeadas pela tecnologia digital e as transformações que seu uso promove nas relações entre as pessoas. Para persuadir os telespectadores a aderirem às suas ideias, utilize estratégias de convencimento que apelem para a reflexão acerca das questões relacionadas aos avanços da tecnologia digital.

B – Carta de repúdio

O gênero *carta de repúdio* possui caráter predominantemente argumentativo-persuasivo. Tem por função apresentar a um interlocutor geral a discordância com alguma medida imposta por alguém ao locutor ou a um grupo com o qual se identifica. Após a apresentação do problema, os argumentos que fundamentam o repúdio devem ser selecionados e organizados de forma a comprovar as razões do locutor ou de um grupo. A estratégia argumentativo-persuasiva busca convencer os interlocutores por meio de explicações, relações de causa e efeito, comparações, exemplos etc.

Suponha que, como usuário do Facebook, você seja provocado a escrever uma carta de repúdio por causa de sua indignação ao constatar o controle das informações e da liberdade de expressão nessa rede social. Os argumentos para comprovar suas razões e persuadir o interlocutor a aderir à sua indignação devem demonstrar e sustentar o seu ponto de vista quanto à função da tecnologia digital, condenando as ações que a transformam em ameaça à liberdade de expressão e propondo ações que a constituam como ferramenta para a garantia de emancipação e autonomia nas interações sociais.

Para escrever sua carta, considere as características interlocutivas próprias desse gênero. O título, por exemplo, não é necessário.

C – Crônica

A *crônica* é um gênero discursivo no qual, com base na observação e no relato de fatos cotidianos, o autor manifesta sua perspectiva subjetiva, oferecendo uma interpretação que revela ao leitor algo que não é percebido pelo senso comum. Assim, o objetivo da crônica é discutir aquilo que parece invisível para a maioria das pessoas. Também, visa produzir humor ou levar à reflexão sobre a vida e os comportamentos humanos. A crônica pode apresentar elementos básicos da narrativa (fatos, personagens, tempo e lugar) e tem como uma de suas tendências tratar de acontecimentos marcantes para a sociedade.

Com base nessa tendência, escreva uma crônica para ser publicada em uma revista semanal, discutindo as consequências do uso das tecnologias digitais na sociedade atual. A crônica deve apresentar um narrador-personagem que retrate questões relativas à utilização das ferramentas tecnológicas e faça reflexões fundamentadas em fatos relacionados à emancipação e/ou à liberdade de expressão decorrentes do domínio da tecnologia digital. Por meio do relato e da discussão desses fatos, revele aos leitores da revista a perplexidade do narrador-personagem diante dos novos conflitos e das novas soluções para os problemas da atualidade, desencadeados pelos avanços das tecnologias digitais.

